

APRESENTAÇÃO:

PROCESSOS, METODOLOGIAS E LINGUAGENS ARTÍSTICAS NA CONTEMPORANEIDADE: A PRODUÇÃO INTELLECTUAL SOBRE ARTE DO GRUPO DE PESQUISA EM CULTURA E SEXUALDADE – CuS

PROCESSES, METHODOLOGIES AND ARTISTIC LANGUAGES IN CONTEMPORANEITY: THE INTELLECTUAL PRODUCTION ON THE ART OF THE RESEARCH GROUP ON CULTURE AND SEXUALITY – CuS

Djalma Thürler¹
Leandro Colling²

O Grupo de Pesquisa Cultura e Sexualidade (CUS) foi criado em 2007 na Universidade Federal da Bahia por uma turma de estudantes de graduação em Comunicação, Letras e Ciências Sociais junto ao Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT), liderado, então, pelo professor doutor Leandro Colling. O objetivo era, e ainda é, produzir pesquisas e atividades de extensão a partir e com os estudos *queer*. Pouco tempo depois, passaram a integrar o grupo também mestres e doutores de outras universidades, bem como, mestrandos e doutorandos

¹ Djalma Thürler é pesquisador do CLAEC – Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura e do CULT – Centro de Pesquisa Multidisciplinar em Cultura, da UFBA. É Professor permanente do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade e Professor Adjunto do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e coordenador do Grupo de Pesquisa em Cultura e Sexualidade – CuS. E-mail: djalmathurler@uol.com.br. Salvador. BA. Brasil.

² Leandro Colling é pesquisador do CULT – Centro de Pesquisa Multidisciplinar em Cultura, da UFBA. É Professor permanente do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade e Professor Adjunto do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e coordenador do Grupo de Pesquisa em Cultura e Sexualidade – CuS. E-mail: leandro.colling@gmail.com, Salvador. BA. Brasil.

do Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, que hoje compõem a maioria do grupo, que conta, em 2016, com cerca de 25 pessoas. O Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade e o Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT), em 2007, estavam vinculados à Faculdade de Comunicação, mas, desde 2009, ambos passaram a pertencer ao Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC), que congrega os Bacharelados Interdisciplinares em Humanidades, Artes, Ciência e Tecnologia e Saúde, por isso, desde então, estudantes desses novos cursos passaram a compor o CuS.

De lá para cá, o CuS desenvolveu pesquisas importantes, tanto pelos seus coordenadores, como pelos demais membros, o que acabou gerando ações para além das esferas acadêmicas, como foi o caso da vaga que ocuparam Leandro Colling e Djalma Thürler, entre 2011 e 2012, no Conselho Nacional LGBT, vinculado administrativamente à Secretaria Nacional de Direitos Humanos – SNDH. O primeiro como conselheiro e o segundo como suplente participaram ativamente dessa gestão, tendo papel determinante na elaboração da II Conferência Nacional LGBT, que aconteceu em Brasília, em dezembro de 2012.

Leandro Colling ainda assumiu em 2012 cadeira no Conselho Estadual de Cultura do Estado da Bahia, onde permaneceu até agosto de 2013, quando saiu para seu Pós-Doutorado fora do país. No Conselho promoveu, entre outras importantes ações, como a Sessão Extraordinária sobre as políticas culturais para o público LGBT, em julho de 2013, que contou com a participação do Professor Djalma Thürler e outros representantes da Cultura LGBT do Estado da Bahia. No Conselho Estadual de Cultura, Colling propôs algumas reflexões, dentre as quais destacamos: “A homofobia nasce e se consolida no campo da cultura” e “CEC e Movimento LGBT se unem para propor avanços nas políticas culturais voltadas para o setor”.

Além disso, o CuS realizou eventos de nível local, nacional e internacional, ministra cursos de introdução à política e estudos *queer*, realiza vários projetos de extensão na UFBA, a exemplo do “Cineclubes sexualidades” e o Ciclo Permanente de Palestras sobre “Subjetividades, Sexualidades e Culturas” e, como já destacado acima, também trabalha na intervenção em debates sobre políticas para o respeito à diversidade/diferença sexual e de gênero no Brasil, inclusive em instâncias como o Conselho Nacional LGBT, Conselho Nacional de

Políticas Culturais, Conselho Estadual de Cultura da Bahia, conferências estaduais e nacionais e outros fóruns diversos.

Esse dossiê é resultado de como o CuS tem trabalhado em várias frentes: publicação de livros pela editora da Universidade Federal da Bahia, lançamento da Revista Acadêmica “Periódicus”, produção de várias teses de doutorado e dissertações de mestrado defendidas na UFBA e fora dela, além de trabalhos de conclusão de curso, espetáculos artísticos e dezenas de artigos apresentados em congressos nacionais e internacionais (quase todos podem ser lidos no site www.politicasdocus.com).

Todos os textos que compõem esse dossiê tem como ponto de partida a convicção de que a heterossexualidade compulsória e a heteronormatividade operam tecnologias sociais capazes de produzir sujeitos considerados legítimos, normais e naturais, em detrimento da produção de *outros*, que serão destinados à abjeção, ao silêncio, à violência, à patologia e à ilegalidade. Essa matriz cultural consolidada nas práticas discursivas dominantes, reafirma políticas e práticas (sociais, artísticas, etc.) a fim de efetuar efeitos de verdade enredados de poder, que determinam as posições que os sujeitos ocupam na sociedade, ao mesmo tempo que estabelecem, organizam e coordenam a heterossexualidade como a única unidade de manifestação das subjetividades que seja considerada natural e inteligível.

Para superar as condições mantenedoras desta relação de dominação, será necessário estranhar as formas mais sutis de essencialismo cultural e provocar uma mudança epistemológica pautada na ideia de conhecimento como uma ação criadora e interpretativa da sociedade. Este olhar nos permite confirmar que

[...] todos os ‘textos’, no sentido amplo do termo, são, geralmente, construídos sob essa óptica. As práticas quotidianas, os arranjos físicos, a distribuição espacial e temporal dos indivíduos também inscrevem e reafirmam, continuamente, as marcas das diferenças sexuais e de gênero (LOURO, 2000, p. 68).

Queremos dizer que, se aproveitarmos as reflexões de Louro, implicar os processos artísticos à cultura, significa pensar a Arte, a partir de temas como linguagem, poder, subjetividade, diferença, processos semióticos, por exemplo. Requer, pois, pensar toda e qualquer produção artística

como aquela capaz de causar efeitos de verdade, posicionar os sujeitos, legitimar e normatizar as subjetividades.

Assim, na contramão, a Arte que esteja ancorada nos estudos *queer* representa uma virada epistemológica radical que enseja problematizar, contestar, subverter, estranhar todas as formas “bem comportadas” de produção artística. A epistemologia *queer* tem seu foco na cultura, nos processos de significação, na representação, nas estruturas discursivas e nas instâncias culturais que produzem os sujeitos. Trata-se, portanto, de outro ponto de vista epistemológico, nesse sentido, perverso, subversivo, impertinente, irreverente, profano e desrespeitoso (SILVA, 2011).

Essa discussão epistemológica é trazida nesse dossiê a partir dos olhares de Tiago dos Santos de Sant’Ana, em “Outras cenas do *queer* à brasileira: uma incursão sobre artes e geopolíticas *queer* no Brasil”; Eduardo Pereira Francisco, em “Em busca de categorias teóricas-metodológicas para analisar a arte por uma perspectiva *queer*” e; em “O que pode um corpo de rua? Experimentações vadias e potências nomadizantes”, de Djalma Thürler e Di Rocha. Esses textos, em seu conjunto, não veem o *queer* metodologicamente como análise, mas como uma ação, e uma espécie de “(re)tradução cultural”, como (anti)metodologia que impulsiona a teorizar e ao mesmo tempo propõe ações que nos permitam deslocamentos interdisciplinares, tanto nas Artes, nas ciências humanas, quanto na dimensão política da linguagem, caracterizada por ser flexível e por supor um tipo de deslealdade para com os “métodos acadêmicos convencionais”.

Tiago dos Santos de Sant’Ana colabora em revelar e discutir uma possível genealogia das políticas *queer* no Brasil, destacando o papel da arte na composição dessa historiografia, sobretudo, através do trabalho do cineasta tropicalista Jomard Muniz de Britto, que traz consigo uma potência para pensar numa política de gênero e sexualidade de modo dissidente e no Nordeste, mas, não sem antes apontar, criticamente, que essa historiografia se dá de maneira colonizada – tomando o Sul e Sudeste como centro legítimo.

Eduardo Pereira Francisco discute a complexidade da relação entre arte e política atrás do conceito de “ativismo” para compreender um tipo de fenômeno contemporâneo que habita a intersecção entre esses dois campos numa perspectiva ativista. O autor, ao estudar os pontos de

contato existentes entre arte e ativismo político, principalmente no campo das sexualidades e gêneros, permite pensar estratégias que podem ser mobilizadas como ação de mudança social no combate às violências da heteronormatividade sobre corpos e subjetividades que nela não se encaixam e, também, refletir sobre o potencial da arte na criação de novas subjetividades que fogem às normas de gênero e sexualidade.

Thürler e Di Rocha destacam em seu texto-processo, aspectos do contramétodo e sua investidura em processos inventivos e criativos propondo modos mutantes de expor, dispor e produzir o real, por meio do “cinemavivo”. Também com pesquisa teórico-prática, Daniel Moura, em “O grau zero do corpo: uma sugestão de escritura *queer*”, discute noções sobre masculinidades a partir de conceitos de gênero, transculturação, política, dramaturgia e ativismo. O autor sustenta, a partir desses eixos, a ideia de corpo transculturado como possibilidade de pensar o grau zero do corpo, ao mesmo tempo, centro de produção de subjetividade, bem como fundador de uma poética.

Outros aspectos pulsam do dossiê em questão, seja a categoria de abjeção como potência política; o sentido benjaminiano de história à contrapelo – que assegura o sentido da revolução – e; para além do dualismo cartesiano, compreender os Saberes Subalternos e a Teoria Queer como teorias de fundação do corpo político e, portanto, da fundação de novos modos de subjetivação, o corpo como “estrutura social de muitas almas, como diria Nietzsche, em “Além do Bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro”, que só pode ser entendido assim, se for resultado de um processo de (des)construção cultural, que permite, de forma aguda, a problematização da naturalização da heteronormatividade e, com ela, todo o modelo hegemônico de masculinidade que fez revelar um prejuízo sem tamanho da/na construção das subjetividades subalternas a favor de um arquivo escrito por esse grupo colonial dominante e seus agentes e seus dispositivos de poder e seu controle.

Para recuperar a especificidade histórica desses sujeitos, nós, os intelectuais, os artistas, as bichas, as travestis, as lésbicas temos que ler, como nos ensinou Benjamin, a História à contrapelo, praticar uma escritura ao revés, essa era a exigência fundamental de Benjamin, precisamos ser anti-historicistas e escrever a história do ponto de vista

dos vencidos e, para isso, construir um pensamento de demolição da história universal, de eliminação do elemento épico e entendê-la em processo e contínua revisão, uma História mais humana entendida em sua complexa rede de variantes entrelaçadas. A história, que para Benjamin, deve ser escovada a contrapelo para nós, em boa medida, significa, parafraseando Marie Hélène Bourcier (2006), que temos que operar uma repolitização do campo sexual (corpos, sexualidades, desejos), e uma ressignificação dos regimes de verdade, das produções discursivas, das relações entre saberes e poderes, outras formas de discursos e, também outras práticas.

O que isso significa para a história da cultura contemporânea? Antes de tudo, implica em examinar os “tesouros culturais” com um “olhar distanciado”, situando-nos do lado dos vencidos, judeus, párias, escravos, camponeses, mulheres, proletários, putas, *viados*, bichas e toda a sorte da multidão *queer* proposta por Preciado (2003).

Uma política de desconstrução, a nosso ver se faz, sobretudo, com *encontros com o outro* em práticas sociais e artísticas que reúnem estética e poética na construção de uma prática libertadora, que vista dessa forma, significa a existência integral do sujeito, que se apropria de si mesmo ao apropriar-se da sua e de outras culturas.

Quem são essxs autorxs? Teóricxs em estudos da linguagem? Críticxs literários, cinematográficxs, culturais? Semiólogos, analistxs das imagens? Teóricxs sobre gênero e sexualidades? Filósofxs deleuzianos? Travestis intelectuais pós-estruturalistas? Sejam quem forem, constroem textos com sabor e, como Barthes, reivindicavam, além da liberdade crítica, o prazer que renuncia a qualquer pretensão de uma leitura sistemática, baseada apenas e somente em verdades linguísticas, históricas ou sociológicas.

É assim que Paulo César García, em “O outro lado de falas de si. O que podem encenar”, aborda as encenações da ATeliê VoadOR Companhia de Teatro (BA), especialmente “O outro lado de todas as coisas”, última peça da companhia, de 2016, segundo o autor, espetáculo que coloca personas para refletir sobre a crise do sujeito em ato, não como vítima dos atos de si, mas como produtor de efeito crítico e de saber. Paulo Garcia toma Foucault como principal fonte de diálogo, para quem “falar era reinventar incessantemente um novo teatro, um teatro profundamente político” (*Apud* ARTIÈRES, 2016.) e conclui que “O

outro lado de todas as coisas” mergulha na partilha de vozes que se enumeram: Foucault, Caio F., Genet, Butler, Rolnik, Chico Buarque, Gil, Caetano, Bethânia, Dolores Duran, Elis, todos os seus elencos pensadores que focaliza Thürler, dividindo, na cena intelectual, as subjetividades na história”.

As Artes Cênicas ainda são discutidas por Leandro Colling e Marcelo de Troi em “Antropofagia, dissidências e novas práticas: o Teatro Oficina”. Nesse artigo os autores nos apresentam a Companhia, mas se afastam da abordagem comumente feita pela historiografia teatral à longeva turba comandada por José Celso Martinez Corrêa, para pensá-la como precursora dos artivismos das dissidências sexuais e de gênero no Brasil, a partir da sua “metodologia indisciplinar antropofágica”.

Ainda com Barthes, em seu livro "O prazer do texto" (1996), assumimos o individual contra o universal do modelo estruturalista, do corpo contra o conceito, o prazer contra a seriedade acadêmica, o diletantismo contra o cientificismo e nos deslocamos a partir de então, com um à-vontade despudorado, provocando os que exigem do intelectual uma estabilidade ideológica.

Nesse sentido, Ramon Victor Belmonte Fontes, ao trabalhar a temática do abuso sexual a partir dos filmes “Fale com ela”, “Má educação” e “Volver”, todos do cineasta Pedro Almodóvar, propõe novos sentidos a essa experiência de violência, mas partindo de fragmentos da sua própria infância. “‘Escritas autobiográficas’ e o cinema de Pedro Almodóvar” constrói, via Judith Butler, uma ponte para que as leitoras e leitores reflitam sobre o abuso sexual na infância, levando em consideração as críticas aos discursos e instituições da heteronorma.

Esse dossiê foi pensado assim, apolíneo, à mediada que revela certo rigor acadêmico, seu lado clássico, metódico, "científico" e, exageradamente, dionisíaco, sensual, anárquico, quando enfim se expressa através do corpo, do gozo sensual dos signos.

Referências:

ARTIÈRES, Philippe. Fazer a experiência da fala. In: FOUCAULT, Michel. **O belo perigo. Conversa com Claude Bonnefoy**. Tradução: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução: J. Guinsburg. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BOURCIER, Marie Héléne. **Queer Zones**. Paris: Éditions Amsterdam, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, p. 59-76, jul./dez. 2000.

PRECIADO, Beatriz. Multitudes queer: notas para uma política de los anormales. **Revista Multitudes**, n. 12, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.